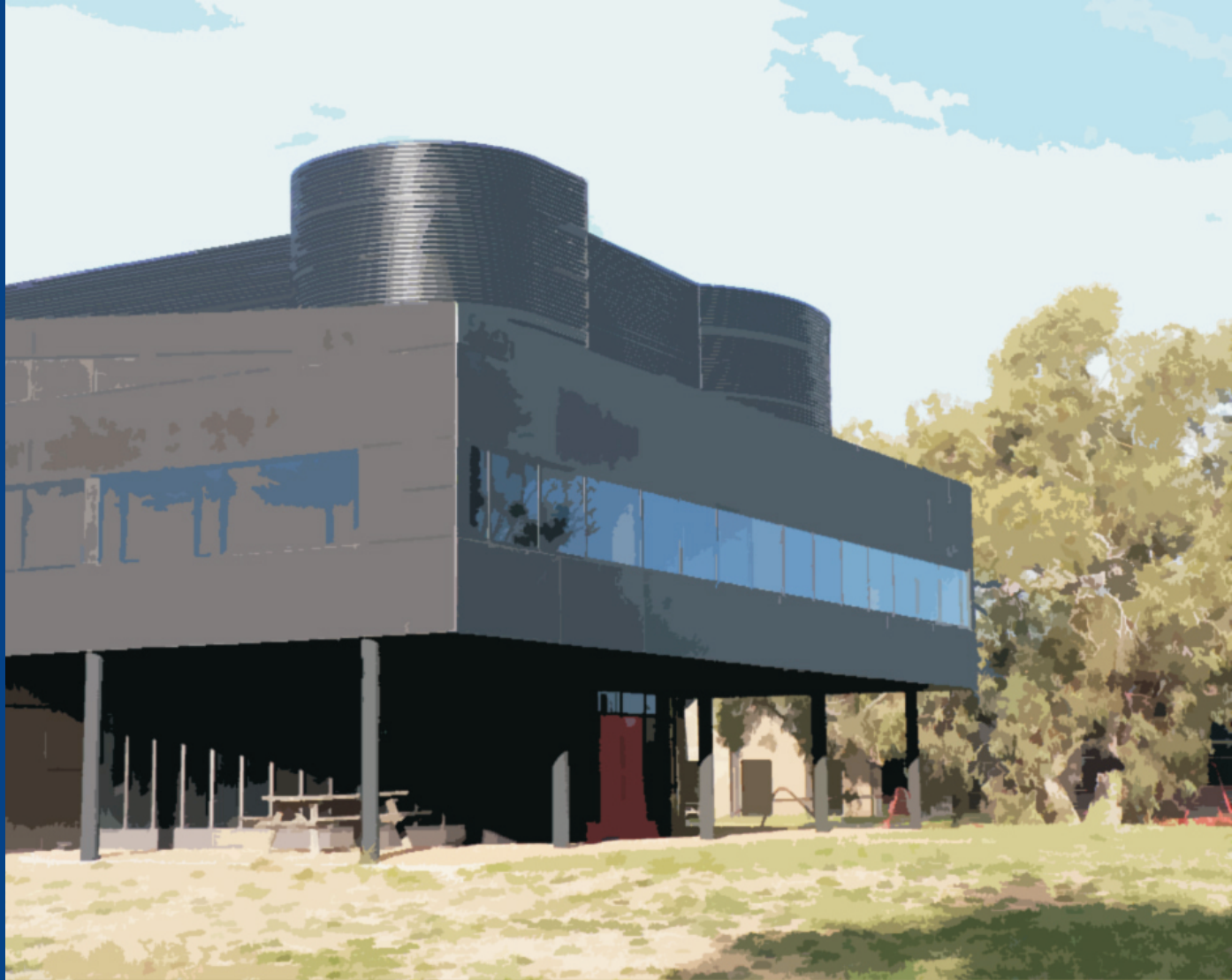




Encontros do CEAA / 7

APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO MODERNO APROPRIACIONES DEL MOVIMIENTO MODERNO

Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques

23-25 Junho/Junio 2011



CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo (FCT uID 4041)
Escola Superior Artística do Porto

Encontros do CEAA / 7

APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO MODERNO
APROPRIACIONES DEL MOVIMIENTO MODERNO

Livro de Resumos / Livro de Resúmenes

Editores

Alexandra Trevisan, Ana Lúcia Virtudes, Daniel Villalobos,
Fátima Sales, Josefina González Cubero e Maria Castrillo Romón

Título:

Apropriações do Movimento Moderno/Apropiaciones del Movimiento Moderno. Encontros do CEAA/7. Livro de Resumos

Editores:

Alexandra Trevisan, Ana Lúcia Virtudes, Daniel Villalobos, Fátima Sales, Josefina González Cubero e Maria Castrillo Romón

© dos autores e CESAP/ESAP/CEAA, 2011

Arranjo gráfico:

Jorge Cunha Pimentel e Joana Couto

Edição:

Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP

Propriedade:

Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto

Impressão e acabamento:

LITOPORTO – Artes Gráficas, Lda
Porto, Portugal

1ª edição, Zamora, Junho de 2011

2ª edição revista, Porto, Setembro de 2012

Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-972-8784-42-3

Depósito Legal: 352336/12

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto PEst-OE/EAT/UI4041/2011

Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto
Largo de S. Domingos, 80
4050-545 PORTO PORTUGAL
Telef: 223392130 / Fax: 223392139
e-mail: ceaa@esap.pt

www.ceaa.pt

Encontros do CEAA / 7 APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO MODERNO APROPIACIONES DEL MOVIMIENTO MODERNO

Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques
23, 24 e 25 Junho 2011

Organização/Organización:

Centro de Estudos Arnaldo Araújo (FCT uID 4041)
Escola Superior Artística do Porto

Instituto Universitario de Urbanística
Universidad de Valladolid

Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos
Universidad de Valladolid

APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO MODERNO

O Centro de Estudos Arnaldo Araújo tem vindo a promover desde há alguns anos diversas actividades académicas e de investigação em torno do Movimento Moderno. Entre estas actividades, encontram-se vários dos Encontros do CEAA, dedicados à diversidade de interpretações que concita esta corrente arquitectónica fundamental do século XX. Foi assim que estes Encontros tiveram como lema “*Ler Le Corbusier*” (Porto, Junho 2009) “*Januário Godinho – Leituras do Movimento Moderno*” (Porto, Novembro 2009), “*Approaches to Modernity*” (Budapest, Outubro, 2010) e, em 2011, a que agora se junta um novo Encontro do CEAA sob título “*Apropriações do Movimento Moderno*”.

Pretendeu-se neste Encontro, que decorreu na Fundación Rei Afonso Henriques, em Zamora, nos dias 23, 24 e 25 de Junho de 2011, construir uma reflexão colectiva em torno da relação do Movimento Moderno com as tradições e correntes arquitectónicas e urbanísticas de diferentes épocas e lugares e, mais concretamente, a possível condição do Movimento Moderno como encruzilhada na História da arquitectura e do urbanismo. De facto, a referência que se faz no título do Encontro às “apropriações do Movimento Moderno” assume plenamente a ambiguidade da expressão e procura englobar os seus possíveis sentidos: as apropriações em que o Movimento Moderno foi sujeito e aquelas em que foi objecto.

No primeiro sentido, é já conhecida a contradição entre a apresentação de uma arquitectura nova, em ruptura total com a História e as representações e transposições feitas por alguns célebres arquitectos modernos, de conceitos oitocentistas (como o caso, por exemplo, da relação entre o falanstério de Fourier e a Unidade de habitação de Le Corbusier). O Encontro pretendeu aprofundar o conhecimento e compreensão das transposições ou reinterpretações nas obras do Movimento Moderno de elementos e conceitos provenientes de outras correntes arquitectónicas e urbanísticas ou de outros contextos culturais.

No segundo dos sentidos acima mencionados, a reflexão orientou-se para os elementos que, sendo próprios e originais do Movimento Moderno, foram recuperados, transpostos ou reinterpretados em obras e correntes arquitectónicas e urbanísticas recentes. Benévolo assinalou o carácter profundo desta impressão do que domina “arquitectura de tradição moderna”, se bem que

caberia perguntar-se também por um possível rasto moderno no que denomina “arquitectura inovadora”. Os objectivos do Encontro, neste caso, orientaram-se não só para o reconhecimento das apropriações do Movimento Moderno na arquitectura e no urbanismo recentes, mas também, muito particularmente, para a sua compreensão, isto é, a identificação dos seus limites e alcances, a caracterização do seu contexto legitimativo, as modalidades e mecanismos de apropriação. Esperamos tê-lo conseguido.

APROPRIACIONES DEL MOVIMIENTO MODERNO

El Centro de Estudios Arnaldo Araújo (CEAA) viene promoviendo desde hace varios años diversas actividades académicas y de investigación en torno al estudio del Movimiento Moderno. Entre estas actividades, se han consolidado los Encuentros del CEAA dedicados a la diversidad de interpretaciones que concita esa corriente arquitectónica y urbanística fundamental del siglo XX: “*Ler Le Corbusier*” (Porto, Junio 2009) “*Januário Godinho – Leituras do Movimento Moderno*” (Porto, Noviembre 2009), “*Approaches to Modernity*” (Budapest, Octubre, 2010). Dentro de esta serie, para 2011, se añade ahora un nuevo Encuentro del CEAA bajo el título “Apropiaciones del Movimiento Moderno”.

En este encuentro que tubo lugar en la Fundación Rei Afonso Henriques en Zamora en los días 22, 23 y 24 de Junio de 2011, ha pretendido construir una reflexión colectiva en torno a la relación del Movimiento Moderno con las tradiciones y corrientes arquitectónicas y urbanísticas de diferentes épocas y lugares y, más concretamente, a la posible condición del Movimiento Moderno como encrucijada en la Historia de la arquitectónica y del urbanismo. De hecho, la referencia que se hace en el título del encuentro a las “apropiaciones del Movimiento Moderno” asume plenamente la ambigüedad de la expresión y busca englobar sus dos posibles sentidos: las apropiaciones realizadas por el Movimiento Moderno y las apropiaciones de las que el Movimiento Moderno fue objeto.

En el primer sentido, es ya conocida la contradicción entre la pretensión de una arquitectura nueva en ruptura total con la Historia y las reinterpretaciones y trasposiciones hechas por algunos célebres arquitectos modernos de conceptos decimonónicos (caso, por ejemplo, de la relación entre el Falansterio de Fourier y la Unidad de habitación de Le Corbusier). El encuentro ha pretendido profundizar en el conocimiento y comprensión de las trasposiciones o reinterpretaciones en las obras del Movimiento Moderno de elementos y conceptos provenientes de otras corrientes arquitectónicas y urbanísticas o de otros contextos culturales.

En el segundo de los sentidos arriba mencionados, la reflexión se ha orientado hacia los elementos que, siendo propios y originales del Movimiento Moderno, han sido recuperados, traspuestos o reinterpretados en obras y corrientes arquitectónicas y urbanísticas recientes. Benévolo, por ejemplo,

ha señalado el carácter profundo de esta impronta en la que él denomina “arquitectura de tradición moderna”, aunque cabría preguntarse también por un posible rastro moderno en la que el mismo autor denomina “arquitectura innovadora”. Los objetivos del encuentro, en este caso, se han orientado no sólo al reconocimiento de las apropiaciones del Movimiento Moderno en la arquitectura y el urbanismo recientes sino también, muy particularmente, a su comprensión, es decir, a la identificación de sus límites y alcances, la caracterización de su contexto legitimatorio, las modalidades y mecanismos de apropiación, etc.
Esperamos haber-lo conseguido.

PROGRAMA

5ª FEIRA /JUEVES, 23

15h45 – Sessão de Abertura/ Sesión de Apertura

D. José Albino Da Silva Peneda, Presidente de la Fundación Rei Afonso Henriques
Maria Helena Maia, Coordinadora Científica del CEAA / uID
Alexandra Trevisan, Representante de la Comisión organizadora
Alfonso Álvarez Mora, Director del Instituto de Urbanística
Eusebio Alonso García, en Representación del Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos arquitectónicos

16h00 – Conferência/ Conferencia

Daniel Villalobos – *El Mito de la Capilla Notre-Dame-du-Haut en Ronchamp: Le Corbusier en los límites del Movimiento Moderno*

16h30 – Pausa para café

16h40 – Mesa 1 – moderadora: Maria Helena Maia

Iván I. Rincón Borrego – *Principios Orientales en la Arquitectura Doméstica Moderna Escandinava*

Pablo Allen – *Mies Van Der Rohe: El karesansui como Apropiación de la Arquitectura Tradicional Oriental*

Ana Maria Tavares Martins, Ana Lúcia Virtudes e Mafalda Teixeira de Sampayo – *Arquitectura de Luis Barragán: Apropriação e influências na contemporaneidade*

17H25 – Debate

17h45 – Pausa para café

18h00 – Mesa 2 – moderadora: Josefina González Cubero

Miguel Moreira Pinto – *João Andresen: O Projecto da Casa Ruben A.*

Eusebio Alonso García – *La Iglesia de Firminy y la Machine à Émouvoir de Le Corbusier*

Cecilia Ruiloba Quecedo – *La Influencia de las Ciencias de la Salud en la Arquitectura del Movimiento Moderno. El Sanatorio Antituberculoso de Paimio*

Daniel Fernández-Carracedo – *Peter Celsing y la Evolución del Movimiento Moderno. La Casa de Cultura de Estocolmo*

19h00 – Debate

6ª FEIRA/VIERNES, 24

10h30 – Conferência/ Conferencia

Alfonso Álvarez Mora – *La Ciudad del Capital y las Propuestas Urbanísticas del Movimiento Moderno*

11h00 – Pausa para café

11h10 – Mesa 3 – moderadora: Fátima Sales

Marina Jiménez y María A. Castrillo Romón – *El Potencial del “Verde Moderno” entre la continuidad y la encrucijada*

César Machado Moreira – *Hidroeléctrica do Cávado 1945-1964. Uma ideia de Paisagem na arquitectura de Januário Godinho*

Carlos Alberto Torres Tovar – *Le Corbusier y el Movimiento Moderno en Bogotá. Trazas relevantes en el urbanismo*

11h55 – Debate

12h10 – Pausa para café

12h20 – Mesa 4 – moderador: Alfonso Álvarez Mora

Alexandra Trevisan y Jorge Pimentel – *Persistências e Apropriações no Espaço Urbano e Arquitectura do Porto na Década de 40*

Rodrigo Almonacid Canseco – *Paralíticos ó Epilépticos: La ciudad del Movimiento Moderno en la dialéctica Asplund versus Le Corbusier*

Nieves Fernández Villalobos – *La Respuesta Brutalista al Movimiento Moderno*

13h10 – Debate

13h25 – Pausa para café

13h40 – Mesa 5 – moderadora: Alexandra Trevisan

Sara Pérez Barreiro – *Relaciones y Derivaciones entre la Modernidad Ortodoxia y La Heterodoxia de los Espacios Urbanos*

Margarida Brito Alves – *Revisitações, Citações e Apropriações. Da proximidade entre Arte e Arquitectura*

14h10 - Debate

14h30 – Pausa para almoço/ comida

17h00 – Mesa 6 – moderador: Daniel Villalobos

Fátima Sales e Joana Couto – *Monumentos Modernos: Da Inquietude da Preexistência à Materialidade da Transformação*

Josefina González Cubero – *Doble, Escenografía y Clon del Movimiento Moderno: La Imposibilidad de la Copia Física en Arquitectura*

Eduardo González Fraile – *El “Poché” Chez Perret*

17h45h – Debate

18H00 – Pausa para café

18h15 – Mesa 7 – moderadora: María Castrillo Romón

Óscar M. Ares Álvarez – *La Modernidad Alternativa: Mediterráneo y forma*

Silvia Cebrián Renedo – *Fernando Távora: La organización del espacio portugués contemporáneo*

Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia – *Arquitectura e Poder. Para uma historiografia do Movimento Moderno em Portugal*

19h00 – Debate

Contributo escrito:

Rui Garcia Ramos – *A formulação da descontinuidade na crítica de arquitectura contemporânea ou a transitoriedade da tradição*

SABADO, 25

09h00 - Visita guiada à arquitectura de Zamora

Salida: Fundación Rei Afonso Enriques

Guias/oradores: Francisco Somoza, Daniel Villalobos Alonso e Sara Pérez

23 JUNHO/JUNIO

CONFERÊNCIA

EL MITO DE LA CAPILLA NOTRE-DAME-DU-HAUT EN RONCHAMP: LE CORBUSIER EN LOS LÍMITES DEL MOVIMIENTO MODERNO

Daniel Villalobos Alonso

La investigación analiza las condiciones que se encuentran en este edificio a la vez contradictorias y alejadas de los planteamientos puristas del Movimiento Moderno, y acota los diversos límites en los que se mueve Le Corbusier en el proyecto. Así, se desarrolla un acercamiento desde cuestiones que atienden a diversos recesos e inversiones como: la referencia a la tradición histórica de un determinado tipo de espacio religioso; la inclusión de semejanzas a espacios romanos del siglo II; el juego de cuestiones perceptivas tanto espaciales como volumétricas; ciertas lecturas que incluyen condiciones de la tradición vernácula e incluso mestizajes con planteamientos plásticos, tanto escultóricos como gráficos; y la creación de un nuevo lenguaje abstracto, propio y silencioso.

La secuencia de estas inclusiones, se detiene en la búsqueda de una justificación más allá de cualquier premisa de la arquitectura moderna, atendiendo mucho más a temas simbólicos, místicos y emotivos derivados de los valores inmanentes de la arquitectura y del arte.

Por otra parte, el paseo arquitectónico se incluye en un último eslabón y el colofón del acercamiento a los márgenes del edificio. Recorrido no únicamente en sí, arquitectónico o místico, exterior e interior, sino enlazando procesos exterior-interior, interior-exterior que atienden a un mundo de contrastes y de sensaciones fundamentalmente visuales, pero también sonoras o táctiles.

El estudio cierra con la lectura del edificio como experiencia metafísica y mito, enunciando las etapas secuenciales, partes donde se desarrolla, personajes y elementos que intervienen en la formulación del espacio vivido como experiencia que transforma al hombre y enuncia, desde el artificio, una reflexión sobre realidad, sueños y creencias.

MESA 1

Moderadora: Maria Helena Maia

PRINCIPIOS ORIENTALES EN LA ARQUITECTURA DOMÉSTICA MODERNA ESCANDINAVA

Iván I. Rincón Borrego

El 19 de Noviembre de 1931 y con motivo de la apertura del curso académico del Real Instituto de Tecnología de Estocolmo, Erik Gunnar Asplund pronuncia la conferencia *Nuestra Percepción Arquitectónica del Espacio* en la que forja su idea de “*espacio infinito*” como seña de identidad del proyecto moderno y vaticina que el futuro de la arquitectura moderna pasa por una mirada reflexiva hacia el lejano Oriente. Gunnar Asplund insiste en que el camino de la modernidad desarrollada en Europa lleva tiempo siendo experimentado por la arquitectura vernácula de Japón y transmite la profunda huella que había dejado en él Tetsuro Yoshida durante un viaje por Suecia pocos meses antes de pronunciar su discurso.

El periplo intelectual y físico del arquitecto nipón, su publicación *Das japanische wohnhaus* de 1935 y el interés que demuestra Gunnar Asplund por la casa tradicional japonesa, alimentan algunos de los ejemplos modernos más extraordinarios de arquitectura doméstica en los países nórdicos. Así, aspectos programáticos atribuibles al Movimiento Moderno como la racionalidad de la forma, la flexibilidad funcional, la construcción estandarizada o la fluidez espacial entre interior y exterior no sólo son un reflejo del *Zeitgeist* sino que además, en el caso de numerosos arquitectos escandinavos como Alvar Aalto, Jorn Utzon, Arne Korsmo o Sverre Fehn, constituyen también una naturaleza oriental velada y la apropiación moderna de la tradición constructiva japonesa.

MIES VAN DER ROHE: EL KARESANSUI COMO APROPIACIÓN DE LA ARQUITECTURA TRADICIONAL ORIENTAL

Pablo Allen

El *“Dao de Jing”*, tratado sobre la sabiduría y la naturaleza atribuido a Lao-Zi, ha aumentado su sentido hasta ser utilizado para establecer ciertos paralelismos entre filosofía y arquitectura, concretamente el pasaje número XI,

*“Se horadan puertas y ventanas para hacer un aposento,
mas en su nada radica la utilidad del aposento”*

Frank Lloyd Wright en su conferencia *“La destrucción de la caja”* en 1952 en la asamblea de jóvenes profesionales de la AIA de Nueva York, recordaba su sorpresa al leer *“El libro del té”* de Okakura, que ilustraba la ceremonia del Té con esta cita del libro de Lao-Zi.

La publicación del libro *“El Dao de la Arquitectura”* en el mismo año, Amos Tiao Chang, su autor, señala la relación del movimiento moderno con la tradición oriental citando al propio Wright, Le Corbusier, Utzon o Gropius. En esta relación podríamos incluir a Mies Van der Rohe como posible víctima de contagio de esta asociación cultural entre este y oeste, dada su coincidencia con Le Corbusier, Gropius o Wright en varias etapas de su vida. Podemos pues revisar en Mies ese vacío daoísta, importado de la arquitectura tradicional oriental en la inclusión del jardín dentro del espacio interior, desde el Pabellón de Barcelona (1929) y Las Casas Patio de (1935) hasta la Neue Nationalgalerie de Berlín (1968), incluyendo las obras en altura de la etapa americana. Este espacio, tratado por Mies de una manera específica y común a lo largo de su obra, podría implicar cierta intención consciente de interpretar la tradición oriental en cuanto a la construcción de estos vacíos.

Esto supondría una cierta apropiación, no solamente de la naturaleza, de uno de los elementos más comunes de la tradición oriental que Mies podría estar citando de manera sistemática, hasta hacerlo casi un elemento propio de su arquitectura.

ARQUITECTURA DE LUIS BARRAGÁN. APROPRIAÇÃO E INFLUÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Maria Tavares Martins, Ana Lúcia Virtudes e Mafalda Teixeira de Sampayo

A obra de Luís Barragán (1902-1988) natural de Guadalajara, México, poder-se-á considerar um caso exemplar da encruzilhada que o Movimento Moderno representou na história da Arquitetura. Esta encruzilhada caracteriza-se por duas vertentes. Por um lado as apropriações a que o movimento moderno foi sujeito e por outro aquelas de que foi objecto. Em 1980, Luís Barragán recebeu o prémio Pritzker, cujo discurso de aceitação constituiu o seu testamento arquitectónico, podendo igualmente ser entendido como um manifesto. Este entendimento baseia-se, não só na sua arquitectura, como também nos elementos que qualquer arquitecto, independentemente da sua linguagem arquitectónica, deve valorizar como meios para a elaboração das suas obras.

Neste contexto, este artigo tem como principais objectivos reflectir sobre:

- influências e apropriação do Movimento Moderno na obra de Luís Barragán, seja pela síntese da cultura mexicana apropriando-se de referências da tradição da sua terra natal. Mas também pelas influências racionalistas e funcionalistas absorvidas pelo contacto com arquitectos europeus como Le Corbusier.
- influências e apropriação, sobretudo na fase de maturidade, da obra de Luís Barragán na arquitectura contemporânea como é o caso de referências como Eduardo Souto Moura, no que respeita aos seus projectos de habitação unifamiliar, ou ainda Tadao Ando no que respeita a equipamentos litúrgicos.

Em síntese, este artigo pretende evidenciar como Luís Barragán se tornou símbolo da arquitectura e identidade nacional mexicana, servindo paralelamente de impulso legitimador não só de inúmeras obras como também ideais arquitectónicos que revestem a contemporaneidade.

MESA 2

Moderadora: Josefina González
Cubero

JOÃO ANDRESEN: O PROJECTO DA CASA RUBEN A.

Miguel Moreira Pinto

A comunicação tem por tema o projecto da Casa de Férias em Montedor (Viana do Castelo) que o arquitecto João Andresen projecta no final da década de 40 para o seu primo, o escritor Ruben A.

O ambiente de adesão e afirmação moderna que se vive na arquitectura portuguesa explica a interpretação genérica de um programa específico, a prioridade dada aos aspectos funcionais e o modo como a construção se relaciona, por oposição, com a paisagem.

A confrontação com o projecto da Casa Errázuriz, no Chile, de Le Corbusier, permite confirmar tudo o que tem de racional e moderno mas também o que tem de singular e inesperado.

O projecto corrobora uma certa juventude da produção moderna nacional e a sua apetência para reinventar esquemas alheios, transformando-os livremente em função dos seus problemas.

LA IGLESIA DE FIRMINY Y LA MACHINE À ÉMOUVOIR DE LE CORBUSIER

Eusebio Alonso García

La concepción revolucionaria de la machine à *habiter* se complementa con la necesidad comunicadora y convive con la machine à *émouvoir*. LC se apropia de formas de la tradición, las abstrae, las descompone, recompone sus relaciones formales y funcionales; crea una arquitectura sorprendente y novedosa pero subyacen mensajes evocadores.

La iglesia de Firminy es un buen ejemplo del uso de estos mecanismos y de la eficacia conmovedora de las maquinicas apropiaciones que opera LC.

Identificamos formas reconocidas, su desmontaje, deslocalización y recomposición intencionada; se provoca la anamorfosis, se oferta una nueva visión, manteniendo su poder evocador y su cualidad reconocible.

El arquitecto acomete una dura y radical alteración de la sintaxis original de esas formas como mecanismo para elidir los lenguajes tradicionales

La forma de la iglesia remite a una iconografía reconocida, una cúpula sin tambor que, exteriormente, se levanta sobre un estilóbato cuadrangular que conforma el piso inferior y que contiene el programa de servicios y espacios auxiliares. La articulación formal se sustancia colocando el icono de la cúpula sobre el estilóbato funcional y doméstico. El hormigón permiten transformar la construcción en un ejercicio de papiroflexia; la forma troncocónica abstrae las formas de la tradición y gestiona la anamorfosis de la planta cuadrada al volumen tridimensional generado por el pliegue del plano de hormigón.

Interiormente y a diferencia de la tradición, la cúpula no corona el espacio; es ella misma el espacio: arranca directamente del suelo y alberga el graderío. Ese nuevo suelo al que se llega desde la rampa exterior y a través de un acceso independiente del cuerpo inferior. Dos formas independientes, cúpula y estilóbato, con sus propios accesos; dos edificios superpuestos, cada uno de los cuales atiende a una parte del programa y cada uno con una condición funcional e iconológica diferenciada.

LA INFLUENCIA DE LAS CIENCIAS DE LA SALUD EN LA ARQUITECTURA DEL MOVIMIENTO MODERNO. El Sanatorio Antituberculoso de Paimio

Cecilia Ruiloba Quecedo

Los arquitectos del Movimiento Moderno, en su misión de atender a las necesidades sociales de su tiempo, tratan de mejorar la salud del hombre a través de sus obras arquitectónicas, higiénicas y salubres.

Esta intención genera una aproximación del urbanismo y de la arquitectura a las ciencias vinculadas con la salud, manifestada en los proyectos de los maestros del Movimiento Moderno, quienes no dudaron en apropiarse de conceptos y formas pertenecientes a la cultura de biólogos y médicos.

Pese a que la relación entre la arquitectura y la salud se extiende a todos los programas arquitectónicos desarrollados por los arquitectos del siglo XX, existe un tipo edificatorio, el sanatorio antituberculoso pulmonar, que por sus características se convierte en un referente para el resto. El Sanatorio Antituberculoso de Paimio, de Alvar Aalto, es el paradigma que mejor lo representa.

En este sanatorio se aprecian referencias tanto a las ciencias de la salud como a las ciencias de la naturaleza. El propio proceso de proyecto sigue un desarrollo biológico, donde los condicionantes ambientales: el aire puro y el sol, las características del entorno: la topografía y la vegetación, y la preocupación por el bienestar físico y psicológico del enfermo, transforman el objeto de partida, el sanatorio antituberculoso tipo, proyectado por los fisiólogos del siglo XIX, en un entorno, natural y edificado, saludable.

Una vez superadas las condiciones de higiene y salubridad exigidas por los arquitectos del Movimiento Moderno es preciso avanzar en otra dirección, hacia una arquitectura que atienda a las necesidades psicológicas de nuestra sociedad, capaz de crear ambientes armónicos con la naturaleza. Una arquitectura, en la que el Sanatorio Antituberculoso de Paimio sigue siendo un referente obligado.

PETER CELSING Y LA EVOLUCIÓN DEL MOVIMIENTO MODERNO. La Casa de Cultura de Estocolmo

Daniel Fernández-Carracedo

Peter Celsing (1920-1974) perteneció a un grupo de arquitectos suecos que siendo herederos del Romanticismo Nacional trataron de buscar su propia identidad dentro del Movimiento Moderno. Celsing formó parte de la tercera generación de estos arquitectos y recogió el testigo de la segunda generación donde destacaron Sver Ivar Lind, los hermanos Erik y Tore Ahlsén, y Nils Tesch, que a su vez lo recibieron de Erik Gunnar Asplund. Los intereses de este grupo de arquitectos fueron comunes y aportaron valores que les permitieron entender el Movimiento Moderno no sólo como una cuestión de estilo, sino como la ocasión en que la Arquitectura se produjese con mayor amplitud, por encima de lenguajes ligados a momentos concretos.

La Casa de Cultura que Peter Celsing proyectó y construyó en el centro de Estocolmo (1965-1974) supuso un cambio cualitativo respecto a las propuestas que había realizado anteriormente. Este edificio formó parte de un complejo, junto al Banco de Suecia y al Teatro Municipal, fruto de un concurso celebrado en 1965 entre una serie de arquitectos nórdicos para resolver la transición entre la ciudad moderna y el ensanche del siglo XVII.

Hasta este concurso Celsing era conocido por ser el autor de iglesias construidas con ladrillo. Asimismo, había intervenido en rehabilitaciones de cierta dificultad como la de la catedral de Uppsala –junto con Sigurd Lewerentz– (1951-55) y la reforma de la Biblioteca de la Universidad de esta misma ciudad (1953-62).

Para entender la gestación de la Casa de Cultura hay que retroceder hasta comienzos de los años sesenta cuando se presentó a otro concurso para la nueva sede central del Stockholms Enskilda Bank en Kungsträdgården. Este proyecto abrió una línea de investigación que anteriormente había tanteado a pequeña escala y que resultó definitiva en su evolución como arquitecto dentro de la modernidad.

MOVIMIENTO DEL MOVIMIENTO
LA CULTURA DE ESTADOS

24 JUNHO/JUNIO

CONFERÊNCIA

LA CIUDAD DEL CAPITAL Y LAS PROPUESTAS URBANÍSTICAS DEL MOVIMIENTO MODERNO

Alfonso Álvarez Mora

Se trata de mostrar, al menos, dos cuestiones: Que el Movimiento Moderno, fundamentalmente la figura de Le Corbusier, no aportó nada, que ya fuese conocido y experimentado, con respecto al “modelo de ciudad” que propuso; y que, en el caso de que dichas proposiciones se considerasen como novedades urbanísticas, nacidas al amparo de investigaciones concretas, estas se mueven en un plano estrictamente arquitectónico, ignorándose aquellos otros presupuestos que, por carencias intelectuales o por intereses identificados, en exclusiva, en la disciplina de la arquitectura, se vinculan con la práctica concreta del urbanismo. La llamada “urbanística” del Movimiento Moderno, en suma, es una derivación, quizá un cambio de escala, de la práctica arquitectónica, cuyo objetivo fundamental fue la puesta en escena de la producción residencial de “masas” en el marco de una “morfología urbana”, de un territorio des-estructurado, que recoge lo que ya era la ciudad por entonces, aunque regularizando su forma, limitando sus contenidos y restándole la complejidad alcanzada.

MESA 3

Moderadora: Fátima Sales

EL POTENCIAL DEL “VERDE MODERNO” ENTRE LA CONTINUIDAD Y LA ENCRUCIJADA

Marina Jiménez e María A. Castrillo Romón

La concepción de los espacios libres urbanos hecha por el Movimiento Moderno (en adelante, MM) no se imbrica en la historia del urbanismo de una manera lineal y unitaria, sino que sigue trayectorias diversas que de algún modo tienen que ver con escalas de aproximación. Proponemos distinguir:

- 1) apropiaciones y reelaboraciones del MM de conceptos “mayores” relacionados con la concepción de los espacios libres a escala global o con carácter general (sistema de parques o, posteriormente, de espacios libres de uso público, y ciudad-jardín) con respecto a los que el MM no supone un punto de inflexión sino, más bien, una modalidad en un desarrollo que continúa hasta nuestros días;
- 2) la innovación morfológica en el binomio tipología residencial abierta-espacio libre de uso público, que constituye uno de los rasgos más originales del urbanismo del MM y que sí se perfila, por el contrario, como una encrucijada, en el sentido en que parten de ella tendencias y corrientes urbanísticas contemporáneas que presentan hoy sentidos muy diversos.

HIDROELÉCTRICA DO CÁVADO 1945-1964. UMA IDEIA DE PAISAGEM NA ARQUITECTURA DE JANUÁRIO GODINHO

César Machado Moreira

Entre as muitas transformações que ocorrem no território algumas são provocadas conscientemente e correspondem a actos sociais e culturais, nomeadamente as obras públicas como o são as explorações hidroeléctricas e os assentamentos humanos que as acompanham.

Na análise às paisagens urbanas e territoriais desenvolvidas para os cinco aproveitamentos da HICA, constata-se na arquitectura o pragmatismo da sua concepção e a sensibilidade da arquitectura de Januário Godinho à rusticidade da paisagem. Consoante o carácter específico dos programas pré-estabelecidos para cada um dos aproveitamentos o arquitecto fez corresponder uma solução distinta em perfeito equilíbrio entre classicismo e modernidade, indústria e natureza, onde resulta a impressão de se apostar no reconhecimento do carácter específico de cada lugar para delinear as suas opções e acções.

Num primeiro momento, através de três hipóteses de ler a paisagem (a paisagem desejada, a paisagem praticada e a paisagem materializada), procuramos explicar a metodologia que estamos a utilizar para compreender o sentido de transformação operado pela arquitectura de Januário Godinho na paisagem do Cávado, reconhecendo a história dos aproveitamentos e utilizando o debate em torno da sua localização e das linhas gerais do seu desenvolvimento. Num segundo momento, através de uma aplicação prática, utilizamos o primeiro dos aproveitamentos realizados, o de Venda Nova para exemplificar esse processo de construção da paisagem no Cávado.

LE CORBUSIER Y EL MOVIMIENTO MODERNO EN BOGOTÁ. TRAZAS RELEVANTES EN EL URBANISMO

Carlos Alberto Torres Tovar

Bogotá afines para los años cincuenta contaba, contaba con 650.000 habitantes (DANE, 1954), población que había crecido en casi siete veces en relación a 1900 (100.000 habitantes). Poco se había avanzado en materia de planeación y urbanismo y propuestas como el Plan de Ensanche (Bogotá Futuro, 1925), no habían logrado implementarse o direccionar el crecimiento y desarrollo del espacio urbano.

Así mismo, en Colombia, los primeros arquitectos obtienen el grado hasta los años cincuenta, en la Facultad de Arquitectura de la Universidad Nacional de Colombia. Por tanto, los años previos están marcados por las improntas de las corrientes de acción y pensamiento traídas por colombianos formados en el exterior, principalmente Europa, o de arquitectos extranjeros que llegaron a trabajar. Todos ellos introdujeron en las ciudades colombianas una visión europea en la forma de proyectar el espacio urbano. Todos, permeados por las manifestaciones teóricas y prácticas de los CIAM y las realizaciones del Movimiento Moderno.

El paso a fines de la década de los años cuarenta de Le Corbusier por Bogotá y su propuesta de intervención en la ciudad a través de un Plan Director (1947-1951), se constituye en un nuevo intento de ordenar el espacio urbano. Sus propuestas han sido objeto de múltiples interpretaciones, tanto a favor como en contra. Polémica que aún a 2011 se mantiene entre quienes consideran que no hubo ninguna aportación, como en quienes consideran que con el Plan Director o Plan Piloto (Le Corbusier) y el Plan Regulador (Sert y Wiener) se sentaron las bases del planeamiento actual de Bogotá.

Este trabajo señala algunas de las trazas relevantes de la incursión del Movimiento Moderno en Bogotá, vinculadas con su urbanismo e identifica las apropiaciones realizadas, algunos de sus límites y alcances, el contexto particular de su desarrollo y, las modalidades y mecanismos de apropiación.

MESA 4

Moderador: Alfonso Álvarez Mora

PERSISTÊNCIAS E APROPRIAÇÕES NO ESPAÇO URBANO E ARQUITECTURA DO PORTO NA DÉCADA DE 40

Alexandra Trevisan e Jorge Pimentel

Quando a partir de 1939 os arquitectos/ urbanistas Marcelo Piacentini e Giovanni Muzio foram contratados para elaborar o Plano Geral de Urbanização da Cidade do Porto já existia uma certa estabilidade ao nível do desenho urbano consequência de programas pré-existentes.

A intervenção italiana conserva os planos anteriores, acentua-os e actualiza-os em função das exigências colocadas por uma reflexão mais alargada sobre a planificação a longo prazo da cidade e pelas exigências da legislação. A estrutura urbana do Porto coloca lado a lado as intervenções novas e as persistências urbanas que, nalguns casos, manterão uma escala mais íntima.

Dois exemplos serão abordados.

O primeiro relacionado com a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, de carácter exclusivamente residencial, e a construção da Igreja de Santo António das Antas que a rematará, anos mais tarde, contribuindo para a acentuação da dimensão “paroquial” desta artéria.

O segundo exemplo, não concretizado, da autoria de Rogério de Azevedo é um plano de urbanização parcial para o Campo 24 de Agosto, no qual a monumentalidade arquitectónica, por influência dos arquitectos italianos, permite perceber as diferentes escalas de intervenção propostas para o Porto.

PARALÍTICOS Ó EPILÉPTICOS: LA CIUDAD DEL MOVIMIENTO MODERNO EN LA DIALÉCTICA ASPLUND VERSUS LE CORBUSIER

Rodrigo Almonacid Canseco

Hacia 1922, dos de los grandes maestros del Movimiento Moderno, el sueco E.G.Asplund y el franco-suizo Le Corbusier, ya tenían definidas sus ideas de ciudad. Tras varias propuestas teóricas y algunos fragmentos construidos, Asplund hizo su propuesta urbana para los edificios ministeriales de la Real Chancillería de Estocolmo. Y, simultáneamente, Le Corbusier había terminado su modélica *Ville Contemporaine*, una propuesta integral de ciudad a la que seguiría su “aplicación práctica” en el *Plan Voisin* (1925) para el centro histórico de París.

El análisis en retrospectiva de la evolución de la ciudad moderna nos permite entenderla desde la dialéctica que establecieron sendos modelos urbanos: mientras en el mundo nórdico se abogaba por un profundo respeto por la continuidad histórica, en los países centroeuropeos se presentía el inevitable destino de la historia al entender la ciudad como “escenario arrasado”, verdadera *tabula rasa* donde desplegar los postulados racionalistas.

No obstante, la aparente divergencia de sendas posturas urbanísticas inicialmente planteadas ('continuidad' *versus* 'ruptura') encuentra auténticos puntos de convergencia, erigiéndose sin saberlo en un modelo híbrido e integrador de lo mejor del pasado histórico y del deslumbrante porvenir. Solo así es posible comprender los matices que el mesiánico Le Corbusier ya introduce para la propuesta “realista” del *Plan Voisin*, rescatando ciertas piezas insignes del París histórico e integrándolas en su ambicioso plan. Y, simétricamente, explicaríamos el diseño urbano que realiza Asplund para un conjunto residencial en el *Norr Mälarstrand* de Estocolmo (1931-32), siguiendo las directrices racionalistas de la tipología *Zeilenbau*, poco tiempo antes de la propuesta de intervención del maestro suizo para la isla de *Norrmaalm* (1933) como aplicación válida de su nuevo modelo urbanístico (la célebre *Ville Radieuse*, 1930) en la capital sueca. En el plano arquitectónico observamos una convergencia similar, aunque de signo opuesto, entre la rusticidad y primitivismo de la villa Errazuris de Le Corbusier (Chile, 1930) y la casa de verano del propio Asplund en Stennäs (Suecia, 1937-40), cuyo origen compartido residía en la arquitectura tradicional de la casa japonesa, sorprendentemente.

LA RESPUESTA BRUTALISTA AL MOVIMIENTO MODERNO

Nieves Fernández Villalobos

A lo largo de los escritos de los Smithson se puede apreciar una gran admiración por Le Corbusier y Mies van der Rohe. Pero a la vez, su actitud vital crítica y el contexto de posguerra les llevaron a posicionarse en contra del funcionalismo y a intervenir activamente en la construcción de una nueva cultura arquitectónica y urbana.

Los Smithson sostenían que la auténtica solución urbana residía en la asociación, por lo que bajo el título de “Reidentificación urbana” plantearon interconexiones funcionales entre cuatro escalas de habitación (vivienda, calle, distrito y ciudad), frente a las cuatro zonas de uso único (vivienda, transporte, industria y recreo).

Con la intención de superar los conceptos tradicionales de ciudad, que establecían anillos concéntricos con un patrón radial desde el nudo central histórico, y a la vez revisar gran parte de los principios del urbanismo racionalista, defendieron cinco conceptos urbanos que fueron presentados, en 1956, en el CIAM X de Dubrovnik: modelos de asociación, identidad, modelo de crecimiento, movilidad y cluster. Este último concepto adquiriría especial protagonismo entre sus teorías. Pero se trataba una idea general que convenía concretar, por lo que confeccionaron y sometieron a debate diferentes modelos de agrupación de viviendas acompañados de esquemas y ejemplos; algunos, irónicamente, con una evidente huella corbuseriana.

La oposición de los jóvenes arquitectos a las funciones defendidas por la Carta de Atenas significó el fin de los Congresos Internacionales de Arquitectura Moderna y el nacimiento del Team X. Un fotógrafo y una socióloga, Nigel y Judith Henderson, a través de los Smithson, tuvieron un papel protagonista, aunque anónimo, en ese proceso de cambio. Su obra expresa bien los valores que el nuevo equipo de arquitectos pretende recoger: la invención, la coreografía urbana, la flexibilidad territorial, y una sociabilidad improvisada.

MESA 5

Moderadora: Alexandra Trevisan

RELACIONES Y DERIVACIONES ENTRE LA MODERNIDAD ORTODOXIA Y LA HETERODOXIA DE LOS ESPACIOS URBANOS

Sara Pérez Barreiro

La ponencia relaciona tipologías domésticas y urbanas, que, más o menos factibles, permitieron crear una nueva imagen en las ciudades del s XX. Autores pertenecientes al Movimiento Moderno y otros cercanos a la modernidad se plantearon cómo debían ser los nuevos espacios para cubrir las necesidades de la población según esas ideas. Arquitectos como Le Corbusier, Wright, Ladovsky y Guinzburg, entre otros, dibujaron, diseñaron y planearon los espacios donde vivirían las nuevas generaciones hijas de este nuevo siglo. Sin embargo, no todos estos novedosos ambientes, desde escalas domésticas hasta escalas interurbanas, pudieron ser realmente construidos. Sí podemos acercarnos y apreciarlos a través de otro medio artístico, el Cine. Mediante escenografías de películas, más especialmente las del género de la Ciencia Ficción, lograron lo que la realidad, las limitaciones técnicas y económicas no habían podido realizar; construirlos, darles forma y llenarlos de vida. Son lugares habitados en otra época, en otro tiempo, y a veces en otros mundos, pero siempre con buena parte de las premisas dadas por aquellos arquitectos innovadores relacionados con el Mo. Mo.

REVISITAÇÕES, CITAÇÕES E APROPRIAÇÕES DA PROXIMIDADE ENTRE ARTE E ARQUITECTURA

Margarida Brito Alves

Apesar da proximidade entre arte e arquitectura ser assinalável ao longo de todo o século XX através do trabalho de um muito significativo número de autores, é sobretudo na segunda metade deste período, e mais particularmente a partir das dinâmicas criadas pelas designadas segundas vanguardas, que podemos identificar uma deliberada convergência entre os campos tradicionalmente estabelecidos por estas disciplinas. Mais do que paralelismos, sincronias ou tangências, podemos a partir de então distinguir um processo de espacialização nas artes que, com base em estratégias de revisitação, citação ou mesmo de apropriação, cria uma zona de contacto na qual é explorado um léxico formal que toma claramente a arquitectura como referência central.

MESA 6

Moderador: Daniel Villalobos

MONUMENTOS MODERNOS: DA INQUIETUDE DA PREEXISTÊNCIA À MATERIALIDADE DA TRANSFORMAÇÃO

Fátima Sales e Joana Couto

Com este título pretendemos construir uma leitura no sentido de uma aproximação a um leque de obras centradas e marcadas por critérios de intervenção consentâneos. Referimo-nos a intervenções emblemáticas no património construído e que simbolizam uma vertente de uma nova posição, herdeira pensamos de novas interpretações e mecanismos projectuais.

O projecto realizado por Fernando Távora para a Pousada de Santa Marinha da Costa (1976-1985), Prémio Nacional de Arquitectura, em 1987, apresenta-se como um modelo que integra os princípios da arquitectura moderna na defesa e reabilitação do património. Surge com este projecto uma nova atitude de intervenção em monumentos históricos e nacionais. Uma mudança do perfil conceptual e interpretativo em que a obra, mais do que um produto final, tem como objectivo reflectir essencialmente o seu processo formativo e conceptual. A forma, portanto, é o resultado do processo de acção sobre a própria forma e sobre os seus significados. A obra converte-se num processo intelectual, onde a ideia prevalece sobre o objecto físico final. “Continuar, inovando” foi o critério geral do projecto, contribuindo assim Távora de forma natural para a longa vida e existência do velho edifício. A obra materializa-se na visibilidade dos passos que o arquitecto seguiu para chegar ao resultado final. Dentro deste tipo de mecanismo criativo, segundo o qual a essência da obra consiste em explicar os seus próprios mecanismos, podemos dizer que surgem outras três (“as três filhas de Santa Marinha”), como herdeiras das mesmas preocupações e reflexões: Pousada Flor da Rosa, no Crato, de João Luís Carrilho da Graça; Pousada de Santa Maria do Bouro, em Amares, de Eduardo Souto Moura e Pousada de Nossa Senhora da Assunção, em Arraiolos, de José Paulo dos Santos.

DOBLE, ESCENOGRAFÍA Y CLON DEL MOVIMIENTO MODERNO: La Imposibilidad de la Copia Física en Arquitectura

Josefina González Cubero

Discernir qué posibilidades de reproducción física tiene un edificio permite saber hasta qué punto se consigue una copia o, por el contrario, cuándo se obtiene una nueva entidad que se separa del original a pesar de su aparente similitud. En cualquier caso, nada tienen que ver con ellas aquellas otras obras que reformulan las ideas en busca de una nueva solución elaborada desde la síntesis entre analogías y reinterpretaciones y que, se podría decir, contienen las apropiaciones lícitas.

El fetichismo hacia el Movimiento Moderno ha hecho proliferar las referencias literales a la parte y más escasamente al todo de las obras, las cuales se pueden denominar como las apropiaciones indebidas. Independientemente de si se conserva el mismo o diferente programa funcional, la reproducción del todo, si esto es posible, se identificaría más con el papel desempeñado por el doble, es decir, con aquel actor especialista que suplanta la apariencia del actor principal, o simplemente se erige en una escenografía, maqueta a escala natural, que busca la validación o parodia de un referente de prestigio.

También el Movimiento Moderno plantea en su seno otras cuestiones sobre la reproducción de edificios. Frente al sugerente título del libro de Asunción Hernández Martínez *La clonación arquitectónica*, su contenido se centra en las sucesivas teorías de la restauración. La autora identifica la copia al clon, sin embargo, una persigue, cuando menos, la similitud de la apariencia, mientras que el otro la igualdad genética.

Los edificios-prototipo que constituyen el cuerpo urbano de los proyectos teóricos de la ciudad moderna, traen a colación la similitud con la fabricación de un objeto. De haberse construido estas propuestas, podrían haber dado como resultado, bien la repetición idéntica de los edificios, o bien las variaciones de la apariencia de los mismos, lo que, en este último caso, podría denominarse stricto sensu clonación arquitectónica.

EL “POCHÉ” CHEZ PERRET

Eduardo Gonzalez Fraile

La representación de proyectos de arquitectura ha tenido, algunas veces, tanto predicamento como el contenido mismo. Es el caso de la técnica de representación “poché” para los planos de plantas. Consiste en rellenar las secciones horizontales de las fábricas con tinta, dando mayor contundencia a las separaciones físicas que, cuando la construcción obligaba a espesores mucho mayores, tenían una presencia enorme en el dibujo logrando que las láminas pudieran apreciarse tanto en el tablero como en la pared, pues si los rótulos y las líneas corrientes eran dominio del dibujante, el tamaño del poché permitía distancias propias de la escala del cartel.

Lo que era un efecto de realce del espacio contorneado por un muro pasa, por extensión del término, a incluir no sólo el relleno de las paredes que rodean al espacio principal sino también el embolsado (poché) general de todos aquellos espacios auxiliares que, conceptualmente, le refuerzan y sirven para absorber las irregularidades externas (de frontera) que la libertad compositiva del espacio principal o los constreñimientos de los límites físicos del proyecto han podido generar.

Desde la casa de la calle Franklin hasta la iglesia de Notre Dame de Raincy, Perret hace un ejercicio completamente fluido de desprendimiento (dégagement) del poché, puesto que el hormigón estructural, la sección mínima de los esbeltísimos pilares, la desaparición de los cerramientos macizos (ahora de cristal) y la planta libre que tanto ponderará Le Corbusier van a convertirle en pionero y puente de la modernidad, aún coincidiendo en algunos axiomas con los beauxartianos: limpieza de lectura, claridad, jerarquía, mínimo de recursos, etc.

En chez Perret se entierra una técnica, se revitalizan los objetivos primigenios de la Academia y se renueva la acepción de “poché”.

MESA 7

Moderadora: María Castrillo
Romón

LA MODERNIDAD ALTERNATIVA: MEDITERRÁNEO Y FORMA

Óscar M. Ares Álvarez

La práctica de la modernidad excluyente y ortodoxa no fue la única manera de proceder durante la década de los años treinta del siglo XX. Entre los proyectos, ideas y realizaciones de aquellos afortunados años encontramos otra manera de entender la vanguardia. Algunos arquitectos, principalmente en el entorno del grupo GATEPAC, practicaron una alternativa idea de lo moderno, entendido este concepto como nuevo, objetivo, explícitamente técnico y por tanto contrario a tradición, sujeto o artesano. Desde su tablero dibujaron otras arquitecturas en las que se disolvían dicotomías irreconciliables sin perder su carácter contemporáneo. Las formas abstractas coexistieron con elementos figurativos extraídos de la tradición que tuvieron su referente en lo vernáculo, en un paisaje y en un mar: el Mediterráneo.

Los arquitectos Sert, Torres, Subirana, R. Arias, Aizpurua o Mercadal cultivaron la cohabitación de los antónimos; de aquello que en principio se entendía como opuesto aunque sin perder las señas de identidad con la vanguardia. A través de diversas propuestas de inspiración mediterránea supieron reconciliar las incompatibilidades de los puristas: la piedra del lugar se combinó con el muro cortina; la contraventana mallorquina se incorporó a la naturaleza de las composiciones abstractas de fachada; y las viviendas de pescadores de Ibiza se ejemplificaron como paradigma de la modernidad, lo estándar y lo funcional.

Una manera de entender el proyecto que tuvo su continuidad, décadas después, en las obras y realizaciones desarrolladas por Coderch, Valls, Bonet Castellana o el propio Sert. No hay duda de que durante aquellos años treinta se asentaron las bases de una modernidad alternativa, propia, de inspiración mediterránea, que fue el origen de una posterior evolución formal de distintos episodios de la arquitectura española. Este texto intenta explicar aquellas nuevas prácticas que demostraron que era posible hacer vanguardia sin renunciar al lenguaje de la tradición.

FERNANDO TÁVORA: LA ORGANIZACIÓN DEL ESPACIO PORTUGUÉS CONTEMPORÁNEO

Silvia Cebrián Renedo

Desde sus inicios en la arquitectura, Fernando Távora (1923-2005) fue consciente de la importancia que tenía la historia, pero que mal entendida había provocado una crisis en la arquitectura y el urbanismo de Portugal, un debate entre los que defendían el estilo a la *antigua portuguesa* y los que apoyaban sin concesiones el movimiento moderno. Años después, su participación en los últimos CIAM le ayuda a evolucionar su propia formación racionalista, que había intentado plasmar en proyectos como la Casa sobre el mar (1951).

Sus primeras obras construidas representarán lo que el mismo denomina “la tercera vía”: una revisión del movimiento moderno con la cultura local incorporando la identidad del lugar. Así, el Mercado Municipal de Vila da Feira (1953-59), definido por Aldo Van Eyck como “el lugar y la ocasión”, recupera el sentido social de la stoa generando un espacio en el que unas marquesinas se disponen con un lenguaje moderno sobre un basamento de granito de la zona.

Las intervenciones en el Pabellón de Tenis en la Quinta da Conceição (1956-60), la Casa de férias em Ofir (1957-58), o la Escuela Primaria del Cedro (1957-61) tienen un registro similar con elementos que se repiten: gran viga de hormigón como apoyo de estructuras de madera, revocos blancos, carpinterías de madera, cubiertas de teja... Los tres son una reinterpretación de los tipos edificatorios tradicionales del norte de Portugal (el barraco, la casa de lavoura con la *varanda*, el *alpendre*...) resolviendo programas funcionales y composiciones formales actuales.

El Convento de Gondomar (1961-71) supondrá una actualización del modelo de los conventos históricos disponiendo los elementos en torno a un claustro. En su construcción aprovecha las nuevas técnicas que la industrialización puede aportar, pero evitando caer en la deshumanización de la arquitectura que durante el viaje al “país de la máquina” había conocido.

En su ensayo *Da Organização do espaço* (1962) revisará las bases para organizar el espacio portugués contemporáneo, comprendiendo que esa “tercera vía” era un equilibrio entre apropiaciones de la historia y las del movimiento moderno.

ARQUITECTURA E PODER. PARA UMA HISTORIOGRAFIA DO MOVIMENTO MODERNO EM PORTUGAL

Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia

Partindo do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*, realizado entre 1955 e 1960 pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos com o apoio oficial do governo, esta comunicação procurará identificar os principais pontos de vista da historiografia do movimento moderno em Portugal, no que se refere às motivações de cada uma das partes (Sindicato e Estado) envolvidas no processo do Inquérito e às condições do exercício da profissão na sua relação com o poder, que a polémica sobre a existência de uma arquitectura do ou no Estado Novo de algum modo veio plasmar.

CONTRIBUTO ESCRITO

A FORMULAÇÃO DA DESCONTINUIDADE NA CRÍTICA DE ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA OU A TRANSITORIEDADE DA TRADIÇÃO

Rui Garcia Ramos

O tema da descontinuidade é frequentemente usado como instrumento de interpretação da recente arquitectura portuguesa. Este tema e os tópicos que agrega são adotados num vasto conjunto de artigos (entre 1998 e 2005) que partilham entendimentos comuns sobre a arquitectura contemporânea. Este fenómeno na crítica da arquitectura é o nosso objeto de reflexão. Pretendemos, sobretudo, contrapor as ideias e pressupostos desta crítica que, ao não atender ao processo histórico e à condição da arquitectura no século XX português, propõe, antes de mais, uma leitura imprecisa e hegemónica da criação contemporânea. Em nossa opinião, esta posição "força" uma interpretação que não corresponde ao que um conhecimento mais extensivo e profundo da arquitectura portuguesa do século XX permite e exige.

O posicionamento crítico que agora discutimos pretende identificar um novo sentido na arquitectura portuguesa recente. Assim esta arquitectura é observada como fragmentada, descontínua, fluida... é um mapeamento da casualidade, com o qual se pretende reconstruir, quer o binómio forma/construção da arquitectura, quer o seu sentido público. Pretende colocar-se a disciplina perante uma nova realidade dinâmica e mutante, cada vez mais marcada por uma identidade europeia, e para a qual a tradição disciplinar portuguesa tem vindo a encontrar dificuldades em se adequar.

Esta leitura questiona a inclusão de uma noção de tempo no projeto. Ou seja, a aceitação do passado e a sua inclusão numa linha de conhecimento – a tradição – como base do projeto. Esta aceitação é a de um movimento contínuo entre passado, presente e futuro, onde o projeto ocupa um espaço entre o que pode ser e o que poderá ser. Informado pelo passado e presente, o projeto, não sendo a preparação de um futuro, é a conjugação de um conjunto de ações que determinam possibilidades para o futuro. Sem o registo deste processo dialético, a cultura do projeto sofre uma rápida degradação, tendendo a abandonar uma intervenção orientada para a qualificação da nossa existência e do meio social.

Na ausência da observação deste compromisso e equilíbrio no projeto, que decorre neste arco de tempo, o presente assume um papel onnipresente no projeto que, ao ignorar a história, permite considerar que tudo é

permanentemente novo. A exclusão do conhecimento histórico na formulação do projeto, como ação qualificadora da existência, não só irá conduzir à "destruição do passado", como à exaltação do presente necessariamente tutelado por mestres e obras na condução do novo.

Este ensaio explora a divergência, ainda que enriquecedora, existente entre o discurso crítico/teorizador sobre a produção recente e os projetos arquitetónicos realizados, que continuam, na sua generalidade, linhas filogénicas da arquitetura portuguesa, nomeadamente a do século XX.

CURRICULA VITAE

Alexandra Cardoso. Arquitecta (FAUP, 1994). É investigadora integrada e membro da Direcção do Centro de Estudos Arnaldo Araújo (uID 4041 da FCT), de que foi Directora entre 2003 e 2010. Tem vindo a colaborar com Pedro Vieira de Almeida desde 1995, nomeadamente no estudo da obra de alguns arquitectos portugueses, como é o caso de Viana de Lima (Árvore/Fundação Calouste Gulbenkian, 1996), Arnaldo Araújo (CEAA, 2002) e Octávio Lixa Filgueiras (CEAA, 2007), que se traduziram em várias exposições e publicações, como *Arnaldo Araújo, Arquitecto, 1925-1982* (2002) e *Octávio Lixa Filgueiras, Arquitecto, 1922-1996* (2007). Actualmente integra a equipa do projecto de I&D A "*Arquitectura Popular em Portugal*". *Uma Leitura Crítica* (FCT-COMPETE) a desenvolver entre 2010 e 2013, sendo co-autora do estudo *Tradition and Modernity. The Historiography of the Survey to the Popular Architecture in Portugal* (2010).

Alexandra Trevisan. Licenciatura e Mestrado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Docente da ESAP de *História da Arquitectura Moderna, História da Arte, Tendências da Arte Contemporânea e História da Fotografia Portuguesa*. Doutoranda no Departamento de Teoria de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos da Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Valladolid. Investigadora do Centro de Estudos Arnaldo Araújo (uID 4041 da FCT). Desenvolve tese de doutoramento sobre as *Influências Internacionais na arquitectura moderna no Porto*.

Alfonso Álvarez Mora. Arquitecto, 1972, por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid. **Doctor Arquitecto**, por la Universidad Politécnica de Madrid, 1976. **Catedrático de Universidad**, desde 1984, con destino en la Universidad de Valladolid. **Becario del Ministerio de Educación**, con estancias en el M.I.T de Cambridge, U.S.A; Investigador en Paris; en la Universidad "La Sapienza" de Roma; Investigador del Plan Nacional de Investigación Científica, Desarrollo e Innovación Tecnológica. **Director de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Valladolid** desde 1993 a 1996. **Director del Instituto Universitario de Urbanística** de la Universidad de Valladolid. **Director de la Revista "Ciudades"** que edita el Instituto de Urbanística. Los tres últimos libros publicados versan

sobre la "*Geografía del Quijote. Paisajes y Lugares en la Narrativa Cervantina*", "*La Construcción Histórica de Valladolid. Proyecto de Ciudad y Lógica de Clase*", y "*El Mito del Centro Histórico. El Espacio del Prestigio y la Desigualdad*". En la actualidad estoy realizando un trabajo de investigación, **I+D+I**, a propósito del impacto residencial que, en los últimos años, se ha producido en los Centros Históricos que se reparten por el territorio del Estado, así como la evaluación de los Políticas Urbanísticas que se han aplicado.

Ana Lúcia Virtudes. Professora auxiliar, Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, PORTUGAL. Licenciatura em Planeamento Regional e Urbano, Universidade de Aveiro, PORTUGAL, 1994. Mestrado em Planeamento Regional e Urbano (especialização de Planeamento Urbano), Universidade Técnica de Lisboa, PORTUGAL, 1999. *Suficiencia investigadora* em Historia y Analisis de la Ciudad, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Valladolid, ESPANHA, 2001. Pós-graduação em Species of Spaces: Cities and Landscapes across Disciplines, Universidade de Tallinn, ESTONIA, 2008. Doctor em Arquitectura, Universidade de Valladolid, ESPANHA, 2008. Doutor em Arquitectura, Universidade da Beira Interior, Covilhã, PORTUGAL, 2008. Pós-graduação em Direito do Ordenamento, Urbanismo e Ambiente, Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, PORTUGAL, 2012. Investigador integrado, Centro de Estudos Arnaldo Araújo/CEAA, Grupo de Investigação em Teoria, Criticismo E História da Arquitectura, ESAP, Porto, PORTUGAL. Investigador colaborador, C-MADE/Centre of Materials and Building Technologies, UBI, Covilhã, PORTUGAL.

Ana Maria Tavares Martins. Docente do Mestrado Integrado em Arquitectura, Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, PORTUGAL. Licenciatura em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL), PORTUGAL, 1997. *Suficiencia investigadora* em 'Rehabilitación Arquitectónica y Urbana' pela Universidade de Sevilha (ETSA-US), ESPANHA, 2001. Doutorada pela Universidade de Sevilha (ETSA-US), ESPANHA, 2011. Investigadora integrada do CITAD

/ Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design, Lisboa, na linha de investigação em 'Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo'. Investigadora colaboradora do CIDEHUS / Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora, na linha de investigação GR 2 - Património, Cultura Material e Arqueologia no Sul da Europa e no Mediterrâneo. Colabora com o c-made / Centre of Materials and Building Technologies) da Universidade da Beira Interior.

Carlos Alberto Torres Tovar. Arquitecto y Magíster en Urbanismo, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá (1988, 1993). Diploma de Estudios Avanzados en «Urbanística y Ordenación del Territorio», (2006), Universidad de Valladolid y Candidato a Doctor en Arquitectura y Ciudad, Universidad de Valladolid, España (2004 – en Curso). Candidato a Doctor en Urbanismo, Universidad Central de Venezuela (2004 – en Curso). Profesor Asociado, Escuela de Arquitectura y Urbanismo, Facultad de Artes, Universidad Nacional de Colombia, Sede Bogotá. Profesor maestrías en Hábitat: Línea de Investigación en Estudios de Vivienda; Ordenamiento Urbano Regional; y, Arquitectura de la Vivienda. Líder de los Grupos de investigación “Procesos Urbanos en Hábitat, Vivienda e Informalidad” y “Hábitat y Vivienda”, clasificados en Categoría A y C Colciencias. Editor general de la Revista indexada BITÁCORA URBANO TERRITORIAL del Instituto de Investigaciones de Hábitat, Ciudad y Territorio, de la Universidad Nacional de Colombia. Par académico Evaluador Colciencias y CYTED.

Cecilia Ruiloba Quecedo. Arquitecta y profesora asociada del Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Valladolid. Actualmente desarrolla su tesis doctoral que versa sobre la arquitectura de los sanatorios antituberculosos. Ha publicado varios artículos sobre la salud, la arquitectura y el urbanismo, en congresos internacionales y revistas: “La ciudad saludable: Alvar Aalto, actuar en el presente mirando al futuro y recordando el pasado”. Actas de la Conferencia Internacional: Inhabiting the future...after Copenhagen. Nápoles, diciembre de 2010. “Ciencia, paisaje y arquitectura. El patrimonio de los sanatorios antituberculosos”. Actas de la Conferencia Científica Internacional sobre los Criterios de Intervención en el Patrimonio Arquitectónico del Siglo 20: CAH 20thC. Madrid, junio de 2011. “La ciudad de la salud: Los sanatorios antituberculosos”. Artículo aceptado para su publicación en *Ciudades* nº 14, Revista del Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid.

César Machado Moreira, Porto, 1974. Doutorando na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010, Mestre pela

Universidade Lusfada, 2009, Master pelo Politécnico da Catalunha, 2000 e Licenciado pela Universidade Lusfada, 1998. Colaborador do Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design e do Centro de Estudos Arnaldo Araújo. É docente da Universidade Lusfada da cadeira de projecto I desde 2001 e da cadeira de projecto III desde de 2010. É sócio do atelier EZZO, responsável por uma série de projectos de arquitectura e design. Desde de 2006 que o seu trabalho está publicado em diversas publicações nacionais e internacionais e representado em exposições.

Daniel Fernández-Carracedo (1976) es arquitecto por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Valladolid. Ha sido documentalista del Máster de Museología de la Asociación Española de Museólogos en 2004, becario del Ministerio de Educación y Ciencia por el Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos de la Universidad de Valladolid en el curso 2004-2005, secretario de la Cátedra Cerámica Hispalyt-UPM de 2006 a 2008, Investigador y Visiting Professor en la Escuela de Arquitectura de la KTH de Estocolmo en el curso 2010-11. Su obra ha sido publicada y expuesta a nivel nacional e internacional. En la actualidad está redactando su tesis doctoral en el Departamento de Proyectos Arquitectónicos de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad Politécnica de Madrid con el título: “Peter Celsing en el complejo de Sergels torg. El Kulturhuset de Estocolmo”. Codirigida por José Manuel López-Peláez y Luis Martínez Santa-María.

Daniel Villalobos. Doctor, Profesor Titular de la E.T.S. Arquitectura de Valladolid. Autor de libros sobre arquitectura moderna, como “*La Mirada de Fisac*” (2008), “*Doce edificios de arquitectura moderna en Valladolid*” (2006). “*Veintiún edificios de arquitectura moderna en Oporto*”, o “*Le Corbusier e a identidade do lugar....*”, etc. Ha impartido cursos de doctorado sobre arquitectura moderna en España. Portugal, Venezuela, México y Argentina. Obtiene numerosos premios entre los que se destacan: tres Premios Castilla y León de Arquitectura en los bienios 2004-06 y 2006-08. Es Miembro por Castilla y León Este en el Comité Internacional de expertos *DO.CO.MO.MO. Ibérico*. Así como miembro del Comité Internacional Asesor del Concurso y Construcción del de la sede de la *Fundación Princesa Cristina de Noruega en España*. Ha sido Comisario de Exposiciones sobre arquitectura moderna como: *Chandigarh 50 años de vida* (2001-2002), *Arquitectura Noruega 1995-2000*. (2004), o *La Mirada de Fisac* (2008).

Eduardo González Fraile. Arquitecto Superior, E. T. S. de Arquitectura Madrid, 1977. Premio Extraordinario Tesis Doctoral: “Las Arquitecturas del Ferrocarril”, 1994. Desde 1978 profesor Elementos de Composición y desde 1996 Profesor Titular

ETSA Valladolid. Cuatro Sexenios de Investigación. Acreditado Catedrático en 2010. Estancias prolongadas en París desde 1993. Frecuenta las obras de los A.C.M.H., el Laboratoire de Recherche des Monuments Historiques y el Centre d'Études Supérieures d'Histoire et de Conservation des Monuments Anciens. Beca de Roma en el año 2003. Miembro de la Academia "El Potal" de Restauración Arquitectónica. Coordinador y responsable del Grupo de Investigación Reconocido por la UVA: “Patrimonia: Arte, Arquitectura, Ciencia, Técnica, Ingeniería e Historia”, del Grupo Investigación de Excelencia de la Junta de Castilla y León: GR 74 y de Grupos de Innovación Docente desde el año 2008. Autor de numerosas restauraciones y publicaciones sobre arquitectura y restauración arquitectónica.

Eusebio Alonso García (Valladolid, 1957). Es arquitecto (ETSA de Valladolid, 1984), profesor titular de Proyectos Arquitectónicos, docente desde 1988. Becario del MEC (1988-92). Becario de la Academia de España en Roma (1990-91). Doctor arquitecto (ETSAV 2001, sobresaliente cum laude). Finalista del IV Premio Arquithesis (2003). Premio Extraordinario de Doctorado de la ETSA de la Universidad de Valladolid, 2002-2003 por su trabajo San Carlino: la máquina geométrica de Borromini. Miembro del Tribunal del PFC en la ETSAV (Valladolid, 2002-08). Profesor del Programa de Doctorado y del Máster de Investigación en Arquitectura de la ETS de Valladolid, en la que actualmente es subdirector. Es autor de: San Carlino: la máquina geométrica de Borromini (2003, ISBN 84-8448-243-X, prólogo de Paolo Portoghesi), Primer Premio del V Premio de Arquitectura de Castilla y León (2004), Accésit I Edición Premios de Arquitectura ARQANO (2008); Mario Ridolfi, arquitectura, contingencia y proceso (2007, ISBN 978-848448-421-9) y otros textos y artículos sobre, Alvaro Siza, Marcel Breuer, Fisac.

Fátima Sales. Licenciou-se em História, variante em Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutorou-se em Arquitectura Moderna e Restauo pela Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Valladolid. Bolseira da FCT | Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Programa Praxis XXI, de 1995 a 1999. É Professora Auxiliar da ESAP | Escola Superior Artística do Porto, nos Cursos de Licenciatura e Mestrado, onde lecciona desde 1987. É membro efectivo do Conselho Científico da ESAP, desde 2000. É Coordenadora da SATH | Secção Autónoma de Teoria e História, da ESAP, desde 2010. Colabora desde 1995, com a ULVNF | Universidade Lusfada de V. Nova de Famalicão, onde exerce funções docentes no Mestrado Integrado de Arquitectura e na Licenciatura de Design. Membro da Direcção do CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo, desde 2010. Investigadora Integrada do Grupo de Teoria, Crítica e História da Arquitectura (uID 4041 da FCT). IR do Grupo de Teoria, Crítica, História e Práticas da Arte

Contemporânea do CEAA, desde 2010 (uID 4041 da FCT). Desenvolve investigação na área da arquitectura moderna, da paisagem e do cruzamento da arquitectura com outros domínios artísticos. Ao longo da sua carreira tem orientado múltiplas teses e apresentado várias conferências. É autora de diversas publicações e integra a organização de encontros científicos internacionais e nacionais.

Iván I. Rincón Borrego es arquitecto titulado en el año 2003 y profesor de Historia del Arte y la Arquitectura en la Escuela Técnica Superior de la Universidad de Valladolid desde 2004. Realiza los cursos de doctorado Modernidad y Contemporaneidad en la Arquitectura de 2003 a 2005, desarrollando su Tesis Doctoral *Sverre Fehn. La forma natural de construir* defendida en diciembre de 2010. Ha participado en publicaciones relacionadas con la arquitectura moderna y el arte como *12 Edificios de Arquitectura Moderna en Valladolid* (2006); *Arte & Paisagem* (2007); y *21 Edificios de Arquitectura Moderna en Oporto* (2010). Desde 2006 ha impartido conferencias y clases en diferentes universidades Europeas.

Joana Couto. Licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusfada de Vila Nova de Famalicão. Concluiu a licenciatura ao abrigo do *Programa Erasmus na Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Valladolid* em 2003. Realizou estágio para efeitos de admissão à Ordem dos Arquitectos em 2004/2005, no atelier *Carlos Santos Arquitectura & Urbanismo, Lda* onde iniciou a actividade profissional. Colaborou em 2006/2007 enquanto docente com a Universidade Internacional da Figueira da Foz. Concluiu a unidade referente a Metodologia e Técnicas de Investigação no ano de 2007, do Curso de Mestrado em Arquitectura da Universidade Lusfada. Em 2009 formou com Bruno Matos a *JBArquitectura* onde exercem Arquitectura em co-autoria. Integrou em 2010 a equipa da [*<RE>greenproject* na qual colabora. É Investigadora Integrada do Grupo de Teoria, Crítica e História da Arquitectura do CEAA (uID 4041 da FCT) da Escola Superior Artística do Porto. Desenvolve actualmente a dissertação “*Contributos para uma Metodologia de Intervenção no Património Arquitectónico Construído*”.

Jorge Cunha Pimentel. Licenciado em Artes Plásticas - Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Director do Departamento de Artes Visuais da Escola Superior Artística do Porto (ESAP). Docente na ESAP dos cursos: Mestrado Integrado em Arquitectura, Mestrado em Artes Visuais e Intermédia, Licenciatura de Artes Plásticas e Intermédia. Doutorando no Departamento de Teoria de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos da Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Valladolid. Investigador do Centro de Estudos

Arnaldo Araújo (uID 4041 da FCT). Desenvolve a tese de doutoramento sobre a *Obra Pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*.

Josefina González Cubero (San Adrián del Valle, León, 1961) [josefina@arqu.uva.es]. Doctora Arquitecta y Profesora Titular del Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos arquitectónicos de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Valladolid. Desarrolla una línea de investigación sobre la arquitectura moderna y contemporánea que inicia con la tesis doctoral “Le Corbusier: El proyecto de la ciudad moderna” y continua con artículos monográficos en revistas especializadas: “La promenade architecturale y la ciudad” (*Anales de Arquitectura* Nº 3, 1992); “La arquitectura del suelo: las Casas Jaoul en Neuilly-sur-Seine” (*Massilia* 2003. Anuario de estudios Lectorbusierianos, Barcelona 2003); “Nómadas en el jardín. Ville contemporaine y Ville radieuse” (*Massilia*, 2004bis. Le Corbusier y el paisaje, Barcelona 2004). Otra línea de investigación se centra en las relaciones transversales de la arquitectura con otras artes, y se desarrolla en el seno del Grupo de Investigación Reconocido *Arquitectura y Cine* de la Universidad de Valladolid, el cual coordina. Es investigadora del Centro de Estudios Arnaldo Araújo (FCT uID 4041).

Mafalda Teixeira De Sampayo. Docente do Mestrado Integrado em Arquitectura, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE/IUL), Escola de Tecnologias e Arquitectura - Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Lisboa, PORTUGAL. Licenciatura em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, PORTUGAL, 1997. Mestre em Desenho Urbano, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE/IUL), Lisboa, PORTUGAL, 2002. Doutora em Arquitectura e Urbanismo, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE/IUL), PORTUGAL, 2012. Investigadora integrada do CIES-IUL/Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa, PORTUGAL.

Margarida Brito Alves é licenciada em Arquitectura (2000) pela Universidade de Coimbra, Mestre em História da Arte Contemporânea (2006) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e completou recentemente o seu Doutoramento, igualmente em História da Arte Contemporânea, na mesma Faculdade. A tese de Doutoramento que desenvolveu centra-se na transformação do conceito de espaço na criação artística do Século XX, tomando como perspectivas complementares as noções de heterogeneidade, tridimensionalidade e performatividade. É Assistente Convidada no Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona, nos níveis de licenciatura e mestrado, na área de Cultura e Arte

Contemporânea. É investigadora do Instituto de História da Arte. É autora do livro *A Revista Colóquio / Artes* (Lisboa: Colibri, 2007), o qual foi distinguido pelo prémio José de Figueiredo 2008 (ex-aquo), atribuído pela Academia Nacional de Belas-Artes.

María A. Castrillo Romón es doctora arquitecta, profesora titular de Urbanística y ordenación del territorio e investigadora del Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid (España), e investigadora asociada del *Centro de Estudios Arnaldo Araújo* (Porto, Portugal). Buena parte de su trabajo de investigación se centra en dos temas y sus intersecciones: la vivienda social y la planificación urbana. Es autora de *Reformismo, vivienda y ciudad. Orígenes y desarrollo de un debate en España* (1850-1920); *Influencias europeas sobre la Ley de casas baratas de 1911: el referente francés de la Loi des habitations à bon marché de 1894*, coordinadora de *Ciudades*, 6 (2000-2001) “La Ciudad Jardín cien años después” (con R.-H. Guerrand) y, más recientemente, de diversos trabajos sobre rehabilitación y renovación urbana de los barrios de vivienda social de 1950-1975.

Maria Helena Maia é licenciada em História, variante de Arte e Arqueologia (FLUP, 1982) e Doutorada em Arquitectura (UVA, 2002). É docente da ESAP (desde 1984) e Presidente do seu Conselho Científico (desde 2002). É ainda Coordenadora Científica e Investigadora Responsável do grupo de Teoria, Crítica e História da Arquitectura do Centro de Estudos Arnaldo Araújo, uID 4041 da FCT (desde 2007), e colaboradora do IHA/EAC da FCSH-UNL (desde 2003). Tem vindo a dedicar-se ao estudo da História da Arquitectura Portuguesa, tendo recebido o prémio José de Figueiredo 2008 (ex-aquo), da Academia Nacional de Belas Artes pelo livro *Património e Restauro em Portugal (1825-1880)* e o prémio Ignasi de Lecea 2007-2008 do Public Art & Design Observatory –Universitat de Barcelona enquanto membro da equipa de coordenação dos livros *Arte e Paisagem* e *Arte e Poder*. Actualmente integra a equipa do projecto de I&D *A "Arquitectura Popular em Portugal"*. *Uma Leitura Crítica* (FCT-COMPETE) a desenvolver entre 2010 e 2013.

Marina Jiménez. Actualmente profesora asociada del Departamento de Urbanismo de la Universidad de Valladolid y profesora auxiliar de la *Faculdade de Arquitetura e Artes* de las Universidades Lusíada de Oporto y Vila Nova de Famalicão. Arquitecta (1998) Doctora en arquitectura (2009), especializada en el ámbito del planeamiento y del diseño urbanos y de forma más particular en la relación entre la ciudad y “sus” espacios libres naturales, pudiendo ser encuadrados buena parte de sus estudios en estos temas. Miembro del Instituto de Urbanística, ha formado parte de equipos elaboradores de investigaciones, proyectos y planes pioneros en materias de urbanismo y ordenación del

territorio en la Comunidad Castellano-leonesa. También ha colaborado junto a las arquitectas Ana Jiménez y María de la O García en distintos proyectos arquitectónico-urbanos, habiendo obtenido algunos premios profesionales por ello.

Miguel Moreira Pinto, licenciado em Arquitectura pela Escola Superior Artística do Porto. Doutorando no Departamento de Teoria de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos da Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Valladolid. Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Investigador no Centro de Estudos Arnaldo Araújo (uID 4041 da FCT). Desenvolve a tese de doutoramento sobre a obra do arquitecto *João Andresen (1920/1967)*.

Nieves Fernández Villalobos (Salamanca, 1975). Arquitecta por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Valladolid (ETSAV, 2001). Beca de Colaboración en el Taller de Proyectos de la ETSAV, con JMAD Arquitectos, para la redacción de Proyectos de arquitectura, paisaje y patrimonio (2000-2004). Tesis doctoral, dirigida por Darío Álvarez, “La Casa del Futuro. Utopías Domésticas en la Arquitectura de Alison y Peter Smithson”, (Septiembre, 2007), Premio Extraordinario de Doctorado ETSAV, 2006-2007, y Premio del Séptimo Concurso de Tesis de Arquitectura de la Fundación Caja de Arquitectos, 2008-2009. Desde el año 2003, profesora del Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos, en el área de Composición Arquitectónica, impartiendo fundamentalmente asignaturas relativas al diseño. Ha escrito varios artículos relacionados con la arquitectura, paisaje, cine y diseño, e impartido conferencias y cursos sobre esos temas en Valladolid, Madrid, Valencia, Amberes, Lisboa, Oporto y Panamá. Compagina la docencia con su labor profesional con Andrés Jiménez Sanz.

Óscar M. Ares Álvarez. Centro de vinculación: ETS Arquitectura de Valladolid. e-mail: oscarmiguelares@hotmail.com. Formación académica: Doctor Arquitecto por la Universidad de Valladolid. Departamento: Teoría de la arquitectura y proyectos arquitectónicos. Título de la tesis doctoral: “GATEPAC 1928-1939”. Director de la Tesis: D. Juan Antonio Cortés Vázquez de Parga. Arquitecto, especialidad Urbanismo, por la Universidad de Valladolid con la calificación de Notable. Curso 1997-1998. Socio del Estudio profesional ARES,ARIAS,GARRIDO ARQUITECTOS S.L. desde noviembre de 1998. Actividad investigadora: Colabora asiduamente en diversas revistas y departamentos universitarios del ámbito nacional e internacional sobre temas relacionados con la investigación de la arquitectura española y contemporánea; con el grupo GIE de la Escuela de Arquitectura de Valladolid en la edición del libro “Arquitectura y el Cine”; además de haber intervenido en numerosos congresos y publicaciones del

DOCOMOMO Ibérico. Es autor del libro: *La modernidad alternativa: Mediterráneo y forma (1930-1936)*, que está pendiente de publicación. En el ámbito profesional, su estudio ha obtenido numerosos premios en concursos de arquitectura, habiendo sido reconocido con diversos galardones y reconocimientos. (www.entrearquitectura.com).

Pablo Allen Arquitecto. Licenciado en Arquitectura en especialidad Edificación y en la especialidad Urbanismo por la Universidad de Valladolid desde Octubre de 2002. Tercer Ciclo obteniendo la Suficiencia investigadora por los cursos de Doctorado en el Programa “Modernidad, Contemporaneidad en la Arquitectura” en la Escuela Técnica Superior de Arquitectura en la Universidad de Valladolid con la Tesina “*Puntos de anclaje al lugar en Mies Van der Rohe*”. Actualmente en desarrollo la Tesis Doctoral que tiene por título “*Objeto y lugar: Puntos de Anclaje en la arquitectura de Mies Van der Rohe*” que trata de establecer analogías y paralelismos entre Mies Van der Rohe y otras ramas de la cultura, no solo arquitectónica, para poder entender el proceso de proyecto de su obra y acabar descifrando la relación entre el individuo y el lugar por medio de la arquitectura, y poder entender que la arquitectura de Mies no transforma un lugar, sino que lo explica.

Rodrigo Almonacid Canseco. Licenciado en Arquitectura por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Valladolid (1999), distinguido con el Premio Extraordinario Fin de Carrera en la promoción 1998-99. Profesor del Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos de la E.T.S de Arquitectura de la Universidad de Valladolid desde 2004 hasta la actualidad. Actualmente terminando la Tesis Doctoral acerca de la obra del arquitecto danés Arne Jacobsen. Dirige su propio estudio de Arquitectura desde el año 2000, distinguido con premios en concursos de proyectos de ámbito nacional e internacional, siendo publicados sus proyectos en revistas de arquitectura españolas. Ha publicado estudios críticos sobre arquitectura moderna y contemporánea, como reflexión acerca de la vigencia de las vanguardias en la actualidad. En particular, recientemente ha desarrollado investigaciones en la obra de Mies van der Rohe, Le Corbusier, E.G.Asplund, Arne Jacobsen, Herzog & de Meuron, Joao Alvaro Rocha y A. Campo Baeza.

Rui García Ramos (1961) é arquiteto e professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). Atualmente leciona o atelier de Projeto do Mestrado Integrado, e a unidade curricular Cultura e Habitar do Programa de Doutoramento em Arquitetura da FAUP. É doutorado em Arquitetura pela FAUP e investigador do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, no grupo Atlas da Casa, onde coordena diversos projetos. Tem como principais áreas de estudo os dispositivos espaciais da casa; a

relação entre processos culturais e formas de habitar; a questão identitária e arquitetura; e os programa habitacionais, sobre os quais tem diversos trabalhos publicados. É membro do Conselho de Administração da Fundação Arquiteto Marques da Silva, integra a Comissão Científica do Programa de Doutoramento em Arquitetura da FAUP e é subdiretor do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP. Lista do trabalhos publicados em: http://sigarra.up.pt/faup/publs_pesquisa.querylist?p_codigo=226905 Currículum extenso em: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6819641346034131> Grupo de investigação Atlas da Casa (CEAU-FCT) <http://ceau.arq.up.pt/grupo.asp?id=6>

Sara Pérez Barreiro, ArchitectA. Publicaciones: Capitulo en VVAA, “*12 edificios de arquitectura moderna en Valladolid*”. Coeditora en VVAA “*21 edificios de arquitectura moderna en Porto*”. Conferencias: “Ciclo de Nueve Conferencias de Arquitectura Moderna en Valladolid”. Dada el 11 de Marzo de 2006, en el Colegio Cristo Rei; “Instituto Cristo Rei” realizada el 8 de Mayo del 2006 en La Universidade da Beira Interior dentro del Ciclo de “Linking Architecture”.Diversas conferencias dadas sobre arquitectura y cine dentro de los diversos cursos de Fotograma Arquitectura y Cine. “Arquitectura y Espacios Cinematográficos” realizada dentro del ciclo “*Arte e Paisagem*” organizado por la IHA/FCSH-UNL, en septiembre del 2006. Organización de Cursos: Cooordinación de los Cursos *Fotograma Curso de Arquitectura y Cine* desde el 2007 hasta el 2010 con Josefina González y Daniel Villalobos. Cooordinación del Curso *21 Edificios de Arquitectura Moderna en Porto*, en octubre de 2009 con Daniel Villalobos.

Silvia Cebrián Renedo. Nace en El Ferrol (La Coruña) en 1983. Es arquitecta (2007) por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Valladolid concediéndosele el Premio Extraordinario. Cursos de doctorado y suficiencia investigadora con el trabajo “Fernando Távora. En torno a la organización de su espacio arquitectónico” en el Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos de la Universidad de Valladolid. En la actualidad, compatibiliza la actividad profesional con el desarrollo de su Tesis Doctoral “Fernando Távora (1945-1962). Entre *O problema da casa portuguesa* y *Da Organização do espaço*”. Entre sus trabajos académicos destaca el artículo “Casa de férias em Ofir. La materialización de la tercera vía” publicado en el libro *21 edificios de arquitectura moderna en Oporto* (2010).

COMISSÃO CIENTÍFICA / COMISIÓN CIENTÍFICA

Alfonso Álvarez Mora
Instituto Universitario de Urbanística
Universidad de Valladolid

Dario Álvarez
Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos
Universidad de Valladolid

Maria Helena Maia
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

Mariann Simon
Department of History of Architecture and of Monuments
Budapest University of Technology and Economics

Matilde Pessanha
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

Pedro Vieira de Almeida
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

Rui Ramos
Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Victoria Soto Caba
Departamento de Historia del Arte
Universidad Nacional de Educación a Distancia

COMISSÃO ORGANIZADORA / COMISIÓN ORGANIZADORA

Alexandra Trevisan
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

Ana Lúdia Virtudes
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Universidade da Beira Interior

Daniel Villalobos Alonso
Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos
Universidad de Valladolid

Fátima Sales
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

Josefina González Cubero
Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos
Universidad de Valladolid

Maria Castrillo Romón
Instituto Universitario de Urbanística
Universidad de Valladolid

COMISSÃO EXECUTIVA / COMISIÓN EXECUTIVA

Alexandra Trevisan
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

Iván Rincón Borrego
Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos
Universidad de Valladolid

Joana Couto
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

Maria Helena Maia
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

Miguel Moreira Pinto
Centro de Estudos Arnaldo Araújo
Escola Superior Artística do Porto

ORGANIZAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO À ARQUITECTURA DE ZAMORA

Daniel Villalobos
Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos
Universidad de Valladolid

Sara Pérez Barreiro
Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos
Universidad de Valladolid

DESIGN DO CARTAZ / DISEÑO DEL CARTEL

Iván Rincón Borrego
Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos
Universidad de Valladolid

AGRADECIMENTOS / AGRADECIMIENTOS

Fundación Rei Afonso Henriques
Arquitecto Francisco Somoza

